

O LUGAR DE SVADHYAYA - O ESTUDO DAS ESCRITURAS - NA RELIGIÃO

Swami Paratparananda¹

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – outubro de 1966.²

O homem está colocado em uma situação peculiar. Ele foi dotado de instrumentos que o atraem para fora de si mesmo, que o seduzem e exibem diante dele a beleza caleidoscópica dos fenômenos do mundo. Ele tem cinco desses instrumentos, cada um dos quais individualmente é poderoso o suficiente para arruinar aquele que se apega a ele. Sri Shankara, no *Vivekachudamani*, chama nossa atenção para como animais e insetos nos quais um único desses sentidos era fortemente cultivado trouxeram a destruição sobre si mesmos, e ele observa com grande *pathos*: “O que dizer então do homem que é assediado por todos os cinco!”³ Mas, felizmente para o homem, ele também foi dotado de um intelecto, uma faculdade discriminativa e, portanto, o ônus do bem e do mal que ele faz é lançado sobre ele. Além disso, ele foi provido de guias, que se espera que ele consulte, estude e lembre em todos os seus atos. As escrituras desempenham a função dos guias, e estas foram ensinadas por mestres que não apenas atingiram alto domínio em seu conhecimento, mas que viveram de acordo com os preceitos por elas estabelecidos. Essas escrituras prescreviam certas observâncias e proibiam outras, e o que mais queriam impressionar, colocavam em uma forma negativa proibitiva. No *Taittiriya Upanishad*, por exemplo, você tem: “Não seja negligente quanto à recitação solene das escrituras... Não seja descuidado em falar a verdade; nunca deixe de prestar atenção a execução do dever; não seja descuidado com o que é apropriado e bom; não seja negligente com o bem-estar; nunca seja indiferente ao estudo e em transmitir o Veda”.⁴ Tanto se depende do estudo dos Vedas e do esforço para colocar seus preceitos em prática que o Upanishad, em outra passagem, mesmo correndo o risco de ser chamado de redundante, repete a fórmula repetidamente, e então diz que Naka da linhagem de Mudgala enfatizou o estudo e o ensinamento dos Vedas como

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de maio de 1962 a abril de 1967 foi o Editor da revista em inglês *The Vedanta Kesari*, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

² Tradução do editorial em inglês, *The Place of Svadhyaya – Scriptural Study – in Religion*.

³ *Vivekachudamani*, 78.

⁴ *Taittiriyaopanisad*, I.11.

o *Tapas*.⁵ O *Taittiriyāranyaka* (II.12) também ordena que se recite o Veda sem falta, em pé, andando, sentado ou deitado, para que se possa ser puro.⁶ A razão é que sem veracidade e austeridade, o estudo dos Vedas não pode ser devidamente compreendido, e a lembrança constante é a única maneira de afastar outros pensamentos. O estudo do Veda também significa a aquisição de outras virtudes.

Nem todos os aspirantes são como Prahlāda, de fama mítica, que, tendo ouvido, ainda no ventre da mãe, que Hari apenas é real e todo o resto é escuridão da ignorância, como a de poços secos, lembrou-se disso por toda a sua vida. Esse tipo de firmeza vem talvez apenas a um em um milhão entre os aspirantes. O caráter de Prahlāda e sua devoção de todo coração a Nārāyana eram tão fortes que Sri Ramakrishna entrava em êxtase com a menção do nome de Prahlāda. Para tais aspirantes, é claro, nenhum estudo é necessário. Diz-se que pronunciando a letra 'Ka' do alfabeto, Prahlāda entrava em êxtase pensando em Krishna. Mas imitá-lo sem uma base adequada da vida foi denunciado por Swami Vivekananda, quando ele enfatizou o estudo dos Vedas. Swamiji diz: "O que eu quero, portanto, é introduzir o estudo dos Vedas, estimulando uma maior consideração por eles nas mentes das pessoas e passar adiante os preceitos dos Vedas". Ele disse isso mesmo em relação à reforma do tecido social hindu. Mesmo no último dia de sua existência terrena, se diz que Swamiji deu uma aula sobre gramática sânscrita para os noviços do *Math*, por um longo tempo. Como todos sabem, é quase impossível entender o verdadeiro propósito dos Vedas sem uma base adequada em gramática, etimologia e outros membros auxiliares das escrituras. A intenção de Swami Vivekananda era que as pessoas aprendessem os Vedas completamente até o último suspiro, por assim dizer, e ele nos impressionou com isso.

Este estudo das escrituras, nos tempos antigos, não era feito para conduzir sociedades de debate ou provar a eminência de qualquer estudioso, embora discussões e debates para chegar à verdade fossem conduzidos, como se pode ver nas passagens do *Brihadaranyaka* e *Chandogya* Upanishads. A aquisição de conhecimento, que libertava alguém dos grilhões do mundo, era o propósito deste estudo. Temos que lembrar aqui que a moldagem da vida ia junto com este estudo. A vida era moldada de acordo com os preceitos dos Vedas, e este estudo era imperativo. Um menino brâmane que não aprendia os Vedas não era chamado de brâmane, mas de amigo de um brâmane. E amigo de um brâmane não era um epíteto palatável naqueles dias. Se o pai negligenciasse a educação do filho nessa direção, por qualquer motivo, ele

⁵ Ibid., I.9.

⁶ Taittiriya Aranyaka, II.12.

se sentia menor. Normalmente, a idade em que um menino brâmane era enviado ao mestre para começar sua educação era oito anos. No *Chandogya Upanishad*, o pai de Shvetaketu, que não pôde cumprir esta regra, por algum motivo, dirige-se ao seu filho: “Meu filho, vá e viva a vida de um *brahmacharin*; não é bom que uma pessoa nascida em nossa linhagem seja, sem estudar os Vedas, chamada de amigo de um Brâmane”.

Por que tanta importância era dada ao estudo dos Vedas? Como já dissemos, o modo de vida durante tal educação equipava o estudante para enfrentar o futuro com bravura. Em segundo lugar, por este estudo ele vinha a saber sobre o propósito da vida. Ele não tinha que tatear no escuro ou se sentir perdido. Assim equipado, ele era deixado para escolher seu modo de vida, como chefe de família ou *sannyāsin*. Dependia da intensidade do desapego do aluno. Mas uma coisa que não era encorajada, ou mesmo positivamente desencorajada, era o orgulho que um estudante poderia desenvolver durante seu estudo. Era a crença firme dos antigos que a educação deveria infundir humildade; pois apenas da humildade a aptidão para um progresso adicional era alcançada.

O estudo dos Vedas, no entanto, não termina com o conhecimento sobre os métodos de realizar sacrifícios e rituais. Eles formam apenas o começo. Eles são o jardim de infância da vida religiosa. O céu, que é na melhor das hipóteses um lugar onde uma forma intensificada de gozo sensorial é possível, não é o objetivo final dos Vedas. Ele é destinado àqueles que têm uma grande carga de desejos não realizados em suas mentes. Eles ainda não pensaram sobre os problemas da vida, estando absortos no gozo sensorial e pensando que isso apenas é o tudo e o fim de tudo da vida. Embora essa atitude seja tolerada no início, ela é criticada mais tarde. Como Sri Krishna aponta no Gita: “Pessoas de pouco intelecto que estão enamoradas das declarações floridas nos Vedas (que descrevem sobre o céu etc.), que estão imersas no gozo, cujo objetivo final em vista é o céu, que sustentam que não há mais nada, além do céu, a ser alcançado, estão apegadas àquelas passagens dos Vedas que lidam com a realização de vários tipos de sacrifícios que produzem riqueza e gozo abundantes. A eles, que se apegam ao gozo e à riqueza e, como consequência, estão empenhados em sacrifícios, não vem o intelecto de determinação firme que flui para a concentração (*samādhi*)”⁷. Sri Krishna instrui ainda Arjuna: “Os Vedas lidam com os assuntos que vêm sob os três *gunas* (portanto, de natureza transmigratória). Ó Arjuna, vá além deles. Sendo livre dos pares de opostos e permanecendo em *sattva*, esteja estabelecido no Ser, abandonando todo pensamento de aquisição e cuidado de bens

⁷ Gita, II.42-44.

mundanos”⁸. “Todos os mundos começando com o de Brahmā são aqueles do retorno [renascimento]; apenas atingindo a Mim não há renascimento”⁹, assim Sri Krishna afirma enfaticamente sobre a pequenez dos frutos dos sacrifícios. Não é a opinião do *Gitacharya* apenas, mas o *Shruti* também apoia esta visão. Ele dá apenas um lugar secundário para os sacrifícios. “Aquilo que é Grande apenas é bem-aventurado; não há alegria no pequeno; apenas o Grande deve ser conhecido”¹⁰, ensina o *Chandogya Upanishad*. “Tudo mais além d’Ele é mortal”¹¹, informa o *Brihadaranyaka Upanishad*. No *Kathopanishad*, o deus da Morte diz a Nachiketa: “O Além nunca se revela aos ignorantes que são desprovidos de discriminação e estão iludidos pela fascinação da riqueza. Pensando que nada mais além deste mundo apenas existe, eles vêm sob meu domínio repetidamente”¹². “Se alguém é capaz de conhecer Brahman antes da queda do corpo, então ele é liberado da escravidão à vida de transmigração; se não, ele terá que nascer nos diferentes mundos”¹³. “Estes barcos”, adverte Yama, “na forma de sacrifício, conduzidos por dezoito pessoas, sem conhecimento das divindades, são realmente frágeis. Portanto, aqueles homens tolos que se deleitam em professá-los como o mais elevado tornam-se vítimas da velhice e da morte repetidamente”¹⁴, diz o *Mundaka Upanishad*. Aqui o *Upanishad* traz à tona a ineficácia dos sacrifícios feitos sem o conhecimento das divindades ou meditação sobre elas. Para que as pessoas não interpretem mal que os sacrifícios feitos com conhecimento das divindades são o bem supremo, o *Shruti* imediatamente qualifica sua declaração assim: “Aqueles tolos ignorantes, que consideram a realização de sacrifícios prescritos nos Vedas e obras humanitárias como o supremo, não sabem que há qualquer bem mais elevado, eles tendo desfrutado os resultados de suas boas ações nas alturas do céu entram novamente neste mundo ou em um ainda mais baixo”¹⁵. Podemos continuar citando evidências de diferentes passagens dos *Upanishads*, onde o apego ao gozo tem sido repetidamente enfatizado como acarretando o retorno a este mundo. Mas presumimos que os exemplos dados aqui são suficientes para dissipar qualquer dúvida sobre este assunto. Assim, vemos que o estudo dos Vedas não para com os sacrifícios. Há coisas ainda mais elevadas a serem

⁸ Gita, II.45.

⁹ Gita, VIII.16.

¹⁰ Chandogya Up., VII.xxiii.1.

¹¹ Br.Up. 3.7.23.

¹² Kathopanishad, II.6.

¹³ Kathopanishad, VI.4.

¹⁴ Mundaka Up., I, ii.7.

¹⁵ Ibid., I.ii.10.

conhecidas, uma Realidade mais elevada a ser realizada, é isso que os Vedas transmitem.

Agora, esta parte dos Vedas na qual a filosofia da religião Védica está embutida, sendo sua porção final, é chamada de *Vedanta*. Eles também são chamados de *Upanishads*; onze deles são considerados os mais importantes e foram comentados pelos grandes mestres de religião. Sem uma compreensão das verdades dessas porções filosóficas dos Vedas, seu estudo permanece incompleto. Os hindus consideram estes Vedas como revelações que vieram aos sábios e que os transmitiram a seus discípulos competentes conforme foram revelados. Eles não acharam qualquer necessidade de transmitir qualquer coerência raciocinada em seu arranjo. Os *Upanishads* são muito difíceis de entender, a menos que sejam ensinados por mestres competentes, bem versados no conhecimento e que foram criados na tradição e que também experimentaram a mais alta verdade ensinada neles.

Quão profunda e, portanto, quão difícil de compreensão a Realidade é, foi expressa pelo próprio deus da Morte: “Sobre Ele não é dado a muitos sequer ouvir; ouvindo sobre Ele, muitos não compreendem. Maravilhoso é o expositor e competente de fato é o ouvinte; maravilhoso é o conhecedor do *Ātman* ensinado por um preceptor capaz”¹⁶. Outros podem ensinar e podemos ser capazes de compreender intelectualmente o significado, mas a verdade não entrará profundamente em nossas mentes, nem deixará qualquer impressão duradoura. Podemos ser capazes de repetir como papagaios o que é ensinado neles, mas nossa vida não será capaz de assimilar os ensinamentos. É então, na linguagem de Sri Ramakrishna, que os *Granthas* (as escrituras) se tornam *granthis* (nós, grilhões). O orgulho do conhecimento brotará ali, mas o conhecimento como tal não será útil ao possuidor dele. Será apenas mais um grilhão, mais um adjunto condicionante, na armadura de *Māyā* para prender o homem ao mundo.

A assimilação real do conhecimento das escrituras se manifesta de uma maneira diferente. Ela faz o homem olhar para este mundo com uma nova visão. Ele é chamado de homem de sabedoria, um *Pandit*, aquele que vê com um olho igual sobre o brâmane dotado de conhecimento e humildade, a vaca, o elefante, o cachorro e o comedor de cachorro¹⁷. O significado é que a visão do homem se amplia. Ele não vê mais o indivíduo, mas o Senhor que reside em tudo. Então ele não odeia ninguém, nem está mais iludido. Todo outro ver é apenas ignorância. “Aquele que vê o *Paramātmān* residindo igualmente em todos os seres, o Princípio indestrutível entre as coisas destrutíveis, ele apenas vê corretamente”¹⁸. O

¹⁶ Kathopanisad, II.7.

¹⁷ Gita, V.18.

¹⁸ Gita, XIII.27.

que acontece a um homem que atingiu esse estado é que ele alcança um estado de não-retorno. Sri Krishna transmite o resultado nestas palavras: “Vendo assim com o olho da igualdade o Senhor residindo igualmente em todos os lugares, ele não fere o Ser pelo ser; portanto, ele atinge a meta Suprema”¹⁹.

A menos que este estado seja alcançado, todo estudo se torna inútil. Isso é o que Sri Shankara diz no *Vivekachudamani*. **“Se a suprema Verdade não é conhecida, o estudo das escrituras é infrutífero.”** Novamente ele observa: **“quando o mais elevado é conhecido, o estudo das escrituras a partir de então não tem propósito”**²⁰. O que o *Acharya* quer transmitir aqui é que o mero estudo das escrituras sem praticar as disciplinas prescritas nelas não tem significado. É apenas um desperdício de trabalho e vida. Um provérbio sânscrito coloca isso de forma bastante brusca: “O burro que carrega a carga de sândalo sabe apenas de seu peso, mas não conhece o cheiro doce que emana dele”.

Nestes dias de atividade frenética, velocidade e vida mecanizada, este *svadhyaya* é mais importante do que nunca. Hoje, o homem, engajado como está na busca de suas necessidades imediatas, que aumentam todos os dias, é mais propenso do que nunca foi no passado a esquecer o que ele realmente precisa e o que é, em última análise, bom para ele. Portanto, é bom ser lembrado de vez em quando que há um ser interior a quem estamos famintos, enquanto estamos cuidando o tempo todo com grande cuidado do envoltório que, sem a presença do primeiro, [um corpo sem vida] seria temido até pelo mais amado. Assim como alimentamos o corpo e atendemos às suas necessidades, também temos que cuidar do ser interior. Em primeiro lugar, devemos saber como o corpo ganha tanta importância, de onde ele surgiu, em que é sustentado. Que o corpo não é permanente é um fato conhecido por todos; pois vemos as pessoas morrendo, os velhos morrem, os jovens morrem. A morte não poupa ninguém. Então, por que esta criação? Se foi apenas para morrer que fomos criados, parece não ter sentido. Parece uma brincadeira de criança. A criança constrói casas, cava poços nas areias do mar e depois quebra tudo. É esse todo o propósito da criação? Na brincadeira da criança, ninguém está envolvido, nenhum dano é sofrido por ninguém; mas não é assim no caso da criação. O mundo inteiro sofre miséria, vive em tensões de vários tipos. É tudo isso uma brincadeira? Se sim, de quem? Por que deveríamos ser os sofrendores no esporte de um Poder invisível? Não há saída para este labirinto? Estas e outras questões virão apenas àquele que desenvolveu desapego ao mundo, que se elevou acima da vida monótona. As respostas

¹⁹ Gita, XIII.28.

²⁰ Vivekachudamani, 61.

a estas e outras questões são encontradas nos Vedas. Aquele que procurar, encontrará. Essa é a razão pela qual o estudo das escrituras se torna imperativo.

